

## Uma nota sobre o mal-estar na modernidade

### A note about the malaise in the modernity

---

Maicon Pereira da Cunha<sup>1</sup>  
UFF/UFRJ

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo percorrer o caminho da hipótese de que a identificação de um dito mal-estar por Freud não se esgota na definição da existência de uma dissonância entre as exigências da pulsão e da civilização. Apontamos duas versões do referido mal-estar: um, que Freud disserta no texto *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*, e o outro, propriamente no texto *Mal-estar na civilização*. Enquanto a primeira versão, lançada em 1908, localiza o pensamento freudiano dentro de uma perspectiva iluminista, na qual o mal-estar poderia ser erradicado se fossem afrouxados os laços sociais e a repressão sexual, em 1930 o mal-estar se situa no que chamaremos de um realismo trágico, e o problema do mal fica complexificado. O estudo será organizado sob o ponto de vista do mal-estar na civilização como um mal-estar no seio da modernidade, a partir da perspectiva filosófica do declínio da metafísica.

**Palavras-chave:** Freud; mal-estar; modernidade; iluminismo.

**Abstract:** This article aims to follow the path of the hypothesis that the identification of a malaise told by Freud is more than a malaise that runs out in the definition about the existence of a dissonance between the demand from the drive and the civilization. We trace a line that identifies two versions of this malaise: a dissertation in the text "*Civilized*" *Sexual Morality and Modern Nervous Illness*, and the other specifically in the text *Civilization and its Discontents*. While the first version, released in 1908, the project is located within the enlightenment perspective, which the malaise could be eradicated if loosened social ties and sexual repression, in 1930 the malaise lies in what we will call a tragic realism, and the evil issue stays more complex. The study will be guide by the viewpoint of the malaise in civilization as a malaise within modernity, from the philosophical perspective about the decline of metaphysics.

**Keywords:** Freud; malaise; modernity; enlightenment.

Falar de Freud e de um mal-estar na modernidade implica a análise do estatuto deste mal-estar. Sendo propriamente dito em *O Mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2006), na referência da teoria da pulsão de morte atrelada à cultura, é resultado da inserção na civilização, e expressa um antagonismo irremediável que diz respeito às exigências da pulsão e da civilização. O mal-estar é “ao mesmo tempo condição para o exercício da pulsão e barra o seu destino de moção inapreensível” (Lo Bianco, 1998, p. 66).

No texto *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* (Freud, 1908/2006) já existe o desenvolvimento da ideia de que os males vividos pelos indivíduos são decorrentes da renúncia pulsional exigida para a inserção no meio social. Freud aponta

---

<sup>1</sup> Professor temporário de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutorando do PPGTP/UFRJ.

algumas sugestões corretivas no exercício da sexualidade, uma espécie de “ortopedia do sexual”, tendo em vista uma terapêutica de retomada deste fluxo. O pressuposto é de que o afrouxamento da repressão sobre o sexual comportaria um ideal de cura para as neuroses.

Entretanto, o conceito de pulsão de morte como um princípio que está para além do princípio de prazer aponta a radicalidade da mudança que foi operada na teoria freudiana. O mal-estar identificado por Freud em 1908, no qual o conflito entre os polos da pulsão sexual e da pulsão de autoconservação era regente, foi obrigado a ser revisto à luz da dicotomia entre pulsão de vida e pulsão de morte com a emergência da segunda tópica.

Um dos resultados mais emblemáticos desse deslocamento encontra-se no texto de 1930, em que Freud discorre sobre a impossibilidade de uma felicidade plena, dado o problema do sentimento de culpa, que é situado como o principal problema da civilização. É precisamente este o ponto de vista que pretendemos nos debruçar, lançando um olhar crítico sob uma ótica mais ampla, a de que este mal-estar é a fórmula psicanalítica da denúncia do fracasso do ideal iluminista da erradicação do mal e do alcance da felicidade plena. Inserimos, portanto, a leitura freudiana do mal-estar como sendo um mal-estar na modernidade (Birman, 2007).

### **A doença nervosa moderna e o ideal de cura**

Freud inicia o texto *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* a partir da afirmação de uma insuficiência teórica acerca das especificidades dos distúrbios nervosos em algumas teorias de seus contemporâneos, como W. Erb, Binswanger e Von Krafft-Ebing. Nestas teorias, o aspecto que possibilitaria identificar a determinação da causa da doença nervosa pelas peculiaridades da vida moderna é vislumbrado pelo incremento da agitação nas sociedades industriais, principalmente percebido nas pessoas que deixam a vida pacata do campo e aderem à vida nas grandes cidades. O que resultaria como efeito do crescimento das exigências modernas aos indivíduos seria o conjunto de doenças nervosas, principalmente a neurastenia, o que hoje chamamos comumente de estresse.

Na perspectiva de Freud, a doença nervosa moderna, na verdade, é ocasionada pela repressão sexual na modernidade. Esta negligência teórica do componente sexual é que permite a Freud afirmar que as análises dos autores que dissertavam sobre a doença nervosa moderna são insuficientes. O ponto de vista privilegiado por Freud é de que “a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente, à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual ‘civilizada’ que os rege”. (Freud, 1908/2006, p. 172).

Freud aponta três estádios da pulsão sexual: um deles seria o estádio em que a pulsão não estaria necessariamente articulada com os fins de reprodução e, nesta medida, pode ser manifestada livremente; um segundo estádio, em que a pulsão é suprimida, exceto com o objetivo de reprodução; e um terceiro, e neste é onde Freud faz a correlação com a moral sexual ‘civilizada’ moderna, em que a reprodução é a meta sexual, por excelência.

Em sua análise, Freud afirma que a civilização repousa sobre a supressão da pulsão sexual, restando como consequência a doença nervosa. Importante ressaltar que o argumento de Freud é o de que, mesmo nas pessoas mais “nobres”, nas quais a pulsão sexual está sublimada em uma grande proporção, permanece uma parte da pulsão que gera efeitos nocivos. Para advogar sobre a incoerência de uma moral que condiciona o exercício da pulsão à reprodução, Freud trabalha a questão homossexual, em que a atividade sexual é realizada apenas na sua faceta da obtenção de prazer. Outro exemplo trazido por Freud é o casamento heterossexual, a partir do qual ele busca relatar os efeitos gerais da monogamia exigida pela sociedade moderna, ocidental. Mesmo nestes casos monogâmicos, nos quais a atividade sexual é permitida, a imposição da exclusividade acarreta num esfriamento da relação, promovendo o término da afeição física do casal.

Freud aponta uma saída possível a estas relações fadadas ao fracasso, e este fator nos é importante de sublinhar. Quando Freud diz que “a cura das doenças nervosas decorrentes do casamento estaria na infidelidade conjugal” (p. 180), percebemos que há a promoção do discurso psicanalítico como um dispositivo que oferta um conhecimento sobre os interstícios da sexualidade, a partir do qual seria possível a erradicação da doença nervosa. Freud, portanto, mantém-se aqui como uma espécie de “ortopedista do sexual”, na medida em que pretendia a cura a partir da retomada do fluxo da pulsão sexual.

Contrariamente à exortação médica vigente na época, não basta tirar um tempo de repouso das atividades que a vida corrida exige para o restabelecimento da saúde. Inscrito em um projeto discursivo acerca dos problemas culturais, mais do que na situação de uma orientação médica, o ponto nevrálgico da leitura freudiana, nesse momento, pode ser sintetizado na bela passagem de que os homens seriam melhores se não tivessem a pretensão de serem tão bons. Em outras palavras, as exigências civilizatórias são deveras opressoras, e o gasto energético para alcançar um caráter de nobreza acaba por fracassar.

Nessas condições, Freud propõe alguns esclarecimentos sobre a moral sexual ‘civilizada’, supondo reformas no ponto nodal em que esta moral incrementa a doença nervosa moderna. Fica clara a articulação que Freud realiza com um ideal de erradicação da doença nervosa moderna na relação com a liberação do sexual, na busca da felicidade. Este ideal fica comprometido posteriormente com a leitura de *O mal-estar na civilização*.

### **O mal-estar e o desamparo**

Em um dos seus mais importantes escritos, comumente inserido dentro da categorização de seus textos ditos sociológicos, Freud desenvolve uma forte e contundente análise da sociedade. *O mal-estar na civilização* é um belo tratado cuja temática questiona o problema da felicidade, que localizamos na perspectiva de um realismo trágico, pois vai de encontro aos ideais de emancipação racional dos indivíduos, preconizado pelo Iluminismo.

Nesse texto, Freud desenvolve a questão do sentimento oceânico, uma ideia de Romain Rolland sobre em que consistiria a religiosidade. Em sua visão, este sentimento de eternidade, algo ilimitado na relação com o cosmos, restaria na base não de uma suposta comprovação empírica da religiosidade, mas daquilo ao qual a religião se apropria. Freud afirma que não reconhece este sentimento oceânico em si mesmo e enuncia a relação deste com a construção do eu, instância que aparece como algo uno, mas que, na verdade, é uma unidade ilusória. O próprio sentimento do eu não se acha imóvel, sendo possível haver alterações, como no caso do apaixonamento, em que a pessoa se declara uma com a outra.

Os limites do eu são flexíveis e não são primordiais. O eu é constituído por uma ação específica (Freud, 1895/2006), e de forma forçada, secundariamente. Quando há necessidade de se afastar das sensações desprazerosas, o eu se aparta do mundo externo, a fim de se proteger deste desprazer. Neste contexto é que surge o princípio de realidade, realizando uma barreira entre o eu e o mundo externo, separação que não existia em um primeiríssimo momento. Na suposição de que há pessoas que retardam este processo de separação com o mundo, este sentimento primordial de consubstanciação com o universo seria o que Freud percebe como conferindo este caráter de ilimitabilidade do eu; é isto que Roland chama de ‘sentimento oceânico’.

Admitindo, então, a possibilidade da existência do tal sentimento oceânico em algumas pessoas, Freud se interroga sobre qual a legitimidade de poder fazer a equivalência com a fonte das necessidades religiosas. Não lhe parece que esta seja uma relação necessária. Por outro lado, é mais consistente a linha de raciocínio das necessidades religiosas como derivadas “a partir do desamparo do bebê e do anseio pelo pai que aquela necessidade desperta” (Freud, 1930/2006, p. 80). Nesta perspectiva, não há necessidade infantil tão intensa quanto à da proteção de um pai. Como consequência lógica, do ponto de vista freudiano, a origem da religião pode ser remontada até o sentimento de desamparo infantil.

Herzog e Farah (2005) afirmam que, no primeiro capítulo do texto do *Mal-estar*, há a exposição da tese do desamparo, estrutural, por assim dizer, na medida em que, neste momento, “fundamenta-se a ideia de que o sujeito precisa criar a ilusão de alcançar a comunhão com o cosmos, inscrita na sensação do ‘sentimento oceânico’ para evitar a experiência de desamparo, uma espécie de saudosismo da segurança paterna imaginária.” (p. 56). Assim, a importância da figura do pai no discurso de Freud se inscreve no registro do desamparo, na medida em que o sujeito moderno não conta mais com o amparo celeste, e necessita, portanto, da proteção paterna. Vale ressaltar que este desamparo estrutural se situa em um registro diferente daquele desamparo dissertado no *Projeto* (Freud, 1895/ 2006), pois este se inscreve dentro da perspectiva de uma espécie de precariedade ou imaturidade orgânica e não como um problema maior relacionado à questão civilizatória.

Sendo a civilização entendida como o agente protetor do homem frente à natureza e aos relacionamentos mútuos, em detrimento da proteção celeste das eras pré-modernas, Freud costura uma dissertação que leva ao limite o fracasso desta proteção racional, apontando as deficiências na ingênua crença de que a ciência, o progresso e os avanços tecnológicos poderiam erradicar o mal da sociedade.

Com efeito, Freud elenca, no texto do *Mal-estar*, os limites da atividade sublimatória do homem, realçando a inclinação à agressividade em seus relacionamentos como um fator constante, e não como um elemento externo e perturbador da ordem. Ou seja, o caminho da coesão social é uma fábula, pois está sempre articulado a um incremento da hostilidade irremediável, ameaçando a sociedade de desintegração permanentemente. Vale lembrar que este texto de Freud é escrito em 1929, uma época em que a Europa vivia um colapso dos dogmas na política. O nazismo estava em pleno vapor como potência que adviria mais tarde.

### **O sentimento de culpa e o mal-estar irremediável**

Para compor um quadro que permita esboçar os limites sublimatórios da civilização, Freud opera um duplo ponto de vista sobre a agressividade em suas duas tópicas da psicanálise. O que conduz esta modificação conceitual se localiza na emergência do conceito de pulsão de morte. Assim, Freud traça o caminho que o levou a reconsiderar o estatuto da agressividade dentro da metapsicologia.

Na primeira tópica freudiana, a agressividade era apresentada sob um fundo de mescla entre tendências eróticas e tendências destrutivas, de forma que tanto as faces ativas e passivas da inclinação a infligir dor ao objeto sexual, denominadas sadismo e masoquismo, são entendidas como uma continuação (Freud, 1905/2006). Neste contexto, se incide uma leitura do psiquismo na qual uma parte da força da pulsão seria introjetada e transformada de um sadismo originário para um masoquismo secundário. Com efeito, a crueldade e a pulsão sexual estariam correlacionadas, e o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão.

Uma viragem conceitual ocorreu no interior da psicanálise com o texto *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2006), no qual Freud operou um deslocamento do dualismo entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação para outro dualismo, desta vez, entre pulsão de vida e pulsão de morte. Com o fenômeno da compulsão à repetição, Freud começou a perceber que existem situações nas quais é impossível encontrar alguma forma de satisfação em qualquer instância, seja consciente, seja inconsciente. É neste complexo teórico que Freud começou a reformular seus principais conceitos, tendo em vista o surgimento daquilo que ele denomina de pulsão de morte, em oposição à pulsão de vida.

Neste sentido, a pulsão de morte impulsionou uma leitura sobre o psiquismo que sustenta um masoquismo primário, fundamentalmente articulado com o conceito de pulsão de morte. Este quadro é configurado textualmente na afirmação de que a pulsão de morte é a pulsão por excelência, em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924/2006).

Com isto, o imperativo da sexualização, agora inscrita no conjunto chamado de pulsões de vida, se faz necessário para neutralizar os efeitos mortíferos da pulsão de morte. Nesta leitura, o céu está descortinado, reafirmando o desamparo dos sujeitos, que precisam se colar ao outro para garantir sua existência na afirmação da vida, pela via do endereçamento servil. (Birman, 2006b).

A forma de existência a partir do desamparo estrutural se articula na necessidade da formação de identificação com o outro, a partir do qual o supereu resta como o substituto do agente parental. Então, surge o problema da culpa, surgida do medo do supereu, como sendo o principal problema da civilização. Quer dizer, para se ter garantida a existência subjetiva na entrada da civilidade, é preciso abdicar de uma quota de satisfação e, ao mesmo tempo, exige-se punição, uma vez que os desejos proibidos continuam vistos pela severidade superegoica.

Retomando o texto de 1930, Freud aponta duas origens do sentimento de culpa: o medo da autoridade e do superego. No primeiro, a renúncia à satisfação ocorre para não se perder o amor da autoridade, enquanto, no segundo, há a insistência do desejo proibido, pressionando a exigência de punição, pois o desejo não fica obscuro ao supereu. No bojo desta ideia, Freud afirma a contínua influência da autoridade externa no superego, mas, desta vez, já interiorizada pela instância psíquica em questão.

Através da identificação, a criança incorpora a agressividade contra a autoridade. O eu se identifica com o papel da autoridade, sendo esta a economia realizada para não usar a agressividade contra a autoridade, e nesta incorporação é como se a criança dissesse para ela mesma o que deve ou não ser realizado se ela fosse o pai. O que importa para nós aqui, é que, nesta economia, a criança integra a severidade nela mesma. Para que exista subjetividade, segundo a psicanálise, é preciso se submeter a esta condição masoquista primária.

A intensificação do sentimento de culpa acarretou inexoravelmente uma perda da parcela de felicidade. Neste sentido, entendemos a relação que se faz presente com a célebre frase de Freud que “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança”. (Freud, 1930/2006, p. 119). Segurança que está parcialmente e, todavia, ilusoriamente garantida pelo enlaçamento ao outro.

Neste contexto, é que Freud situa o *Unbehagen* como resultado do sentimento de culpa que permanece inconsciente e que se manifesta como uma insatisfação. E desta forma, a vida é sempre uma tentativa de salvação frente ao horror da morte, permanecendo uma luta irreconciliável entre *Eros* e *Tânatos*. Portanto, em linhas gerais, esta é base para a compreensão de um mal-estar que se instaura para se proteger da falta de garantias que a modernidade está implicada. Portanto, este mal-estar identificado em 1930 é diferente daquele de 1908, quando ainda existia uma comunhão com um ideal corretivo, do qual a psicanálise poderia, em algum nível, ofertar um conhecimento que erradicasse o mal.

### **A felicidade em questão na modernidade**

A problemática referida ao mal-estar ocorre na investigação da possibilidade de sustentação da felicidade. Por esta via, comparamos o caminho pelo qual esta questão central se coloca nos interstícios dos textos *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* e *Mal-estar na civilização*. Birman (2007) aponta que, em 1908, Freud empreendeu “a crítica da modernidade por intermédio dos impasses constituídos pela repressão sexual, a moral monogâmica e a ordem familiar” (p. 39). O autor afirma que,

nesse texto, Freud acreditava que a psicanálise poderia ofertar um conhecimento a respeito dos sujeitos, o qual pudesse erradicar as doenças nervosas da modernidade. Esta erradicação seria possível pelo que Birman chama de “corretivos”, inscritos na ordem da crença freudiana na razão e na ciência, fundamentada no Iluminismo.

Importante ressaltar que em ambos os textos freudiano sobre o mal-estar é desenvolvida uma crítica da modernidade, que não é suficiente para garantir a felicidade dos sujeitos. No entanto, no primeiro momento, a psicanálise se mantinha como aliada aos ideais iluministas, com uma concepção cientificista, passando somente em um segundo momento à radicalidade daquela crítica, promovendo um luto trágico na crítica de que a ciência e seu rigor foram golpeados.

Birman argumenta que a intenção de Freud, no texto de 1930, é muito menos falar do conflito entre pulsão e civilização do que para afirmar um mal-estar próprio da modernidade. Com efeito, o mal-estar é identificado na trama que se arquiteta na leitura freudiana do sujeito que vive sob o impacto do desamparo decorrente da retirada de Deus dos céus. O solo em que a psicanálise pôde emergir e sustentar a referência a um mal-estar na civilização foi dado pelas contingências de um período histórico específico, que viabilizou a possibilidade da realização de uma crítica ao projeto da modernidade de levar a felicidade e a harmonia plenas, posto que, sem um referencial robusto de autoridade, se identifica uma tensão inerente entre os domínios de sujeito e das exigências da civilização.

Em *O mal no pensamento moderno*, Neiman (2003) tentou dar conta do exame que levou à constatação de que os filósofos da metafísica buscaram alguma razão por trás das aparências do mundo. Este exame revelou o impulso no sentido do encontro com a verdadeira ordem atrás da ordem aparente, em que todas as coisas pelas quais ansiamos – o bom, o verdadeiro, o belo – seriam conectadas e reveladas. Neste sentido, o argumento é de que Kant deu expressão metafísica concernente a uma crise e uma fratura a partir da revolução copernicana, e, posteriormente, o século XIX passou a ser palco, principalmente com Nietzsche, na filosofia, e Freud com a psicanálise, de uma tentativa de substituir um lugar deixado vazio, dado que os velhos modelos de Providência eram incapazes de sobreviver.

O cenário do século XIX, marcado pelo descrédito das ilusões que sustentavam a tradição metafísica, foi enunciado através da questão da “morte de Deus”, por Nietzsche (2001). A relação do surgimento da psicanálise com a identificação do diagnóstico de um mal-estar é entendida por Melman (2008) como o ponto de origem de uma nova economia psíquica, que extrai seus elementos do desaparecimento do lugar do sagrado, “o lugar de onde se legitimam e sustentam o mandamento e a autoridade. (...). O lugar de autoridade era simultaneamente o lugar do esconderijo da divindade e justamente o lugar de onde os mandamentos podiam se autorizar.” (p.25). Melman descreve a perda desse lugar na conjugação do esvaziamento do céu. A partir disto, o diagnóstico da “morte de Deus” pode ser visto como um modo de pensar a radicalização do rompimento com aquilo que sustentava a tradição da sociedade ocidental, metafísica.

O correlato deste descrédito com relação à metafísica se encontra, por exemplo, na sociologia, sob a marca de um desencantamento do mundo, no desenvolvimento do clássico *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1920/1989), de Max Weber.

Este desencantamento seria a marca da modernidade, por conta do esvaziamento dos céus pelos deuses e da racionalização crescente da existência forjada pelo discurso da ciência. A atmosfera do século XIX é de uma reformulação dos critérios que sustentavam toda a tradição ocidental. É neste registro que se encontra imersa a psicanálise.

Diante do esgotamento da fórmula vertical da metafísica, em que a figura do pai exercia uma autoridade legítima, a psicanálise abriu uma questão, apontando para um desamparo. A precariedade da vida anímica, a partir da enunciação da fragilidade do sujeito fundado no eu, instaura um saber que aponta para a fragilidade do projeto de um progresso prometido pelo Iluminismo. Há, portanto, um lugar vazio, instaurado por este rasgão. É aí que é possível emergir a psicanálise: “A psicanálise nasceu de um mal-estar na cultura bem identificado por Freud. (...) a escrita romanesca, assim como a patologia, parece desenhar em oco um lugar, o do analista a vir, o que Freud ocupou.” (Melman, 2008, p. 73).

### **O fracasso do ideal iluminista e a exortação psicanalítica de um realismo trágico**

Birman (2006a) aponta a existência de múltiplas definições e caracterizações da modernidade como uma problemática de ordem histórica, filosófica, política, social e estética. Resumidamente, sua caracterização pode ser pautada, esquematicamente, como a representação no “autocentramento do sujeito no eu e na consciência, fundamentado no discurso metafísico com a filosofia de Descartes e com a tradição que a este se seguiu.” (p. 39). Assim sendo, o projeto da modernidade, que se configura pelos idos do século XVII é autocentrado no indivíduo como valor, e se caracteriza por ser antropológico e antropocêntrico, mesmo que anteriormente se pudesse reconhecer a dimensão do indivíduo em sua existência empírica.

Em termos dos efeitos deste modelo antropológico no campo da economia e da política, Birman afirma que tal construção centrada no indivíduo delineia um espaço essencialmente liberal, sendo o liberalismo a doutrina, por excelência, dos tempos da modernidade, definindo em termos concretos os ganhos e as perdas das individualidades nas relações com os outros: “o universo dos sentimentos centrados no eu, ao demarcar as fronteiras e os territórios entre os indivíduos e os outros, se desdobra em lucros, direitos e poder no espaço social.” (p. 41).

Além disso, na modernidade o discurso da ciência deslocou a primazia dos discursos filosófico e teológico como posição estratégica de produção e de agenciamentos de verdade. Este processo se radicalizou no século XVIII, no dito “século das luzes”, na elevação dos ideais pautados pelo privilégio da razão conferido pelo Iluminismo.

Pelos ideais erigidos pela fé na razão, na ciência, no domínio da natureza, o Iluminismo pretendeu uma extensão do projeto civilizatório, no qual emancipar significa, além de dissolver os particularismos locais, individualizar e criticar os valores da tradição, da religião, enfim valores herdados pela história. Este é o diagnóstico que faz Rouanet (1993) em seu livro *O mal-estar na modernidade*. Segundo o autor, “o

projeto civilizatório da modernidade tem como ingredientes principais os conceitos de universalidade, individualidade e autonomia” (p. 9) e ele diagnostica o mal-estar na modernidade como correlato de uma crise que se inscreve no seio desse projeto.

O diagnóstico de Rouanet, no que tangencia a psicanálise, realizando uma circunscrição de Freud como um pensador das questões do social, é interessante. O autor mostra, através da articulação com a filosofia política, como existe uma crítica da psicanálise aos ideais iluministas. Há, nesta afirmação, a pontuação de que Freud está imerso num contexto da crítica ao projeto do Iluminismo, que visaria uma emancipação através da razão, através da consubstanciação entre as tendências do racionalismo, individualismo e universalismo. Em sua visão, a psicanálise seria um campo de saber que forneceria subsídios teóricos capazes de gerenciar esta dissonância entre os polos da pulsão e da civilização.

Esta formulação pode ser encontrada nos interstícios do texto de 1908. No texto de 1930, contudo, este projeto estaria falido, dadas as contingências da subjetividade moderna desamparada, não restando senão o precário gerenciamento do eterno duelo entre os polos da pulsão e da civilização. Este ponto de vista sobre o caráter irremediável do mal-estar pode ser visto quando Herzog (2000) analisa três vertentes, nas quais Freud pode ser pensado: um Freud otimista, um pessimista e outro trágico. Nesta perspectiva, a autora promove um trabalho de mapeamento organizado no sentido de destrinchar o solo em que a psicanálise se insere do ponto de vista político, social, filosófico e científico.

Apesar de o próprio Freud não se considerar um pessimista, Herzog afirma que uma determinada leitura de sua obra pode levar a uma concepção de que se trata de uma postura pessimista pensar a obra freudiana, principalmente após o conceito de pulsão de morte. Em contraposição ao pessimismo, a autora especula que um Freud otimista poderia ser pensado, sobretudo, através de um ideal de cura, em que “neste (ideal), a clínica visa, em última instância, a adaptação do eu às injunções da civilização” (p. 83).

Nesta visão, existiria um pressuposto de que a felicidade existe e pode ser alcançada, desde que se consiga domar as forças destrutivas. Herzog afirma que este projeto otimista é criticado por uma tradição que realça o conflito de forças na qual há uma submissão do sujeito à ordem simbólica, lançando-o na situação de desamparo que é constitutiva de um modo de existência. Entretanto, este último projeto não reclama uma postura pessimista, mas reconhece um caráter trágico.

Tal projeto se encaixaria numa perspectiva que se articula com a crítica da psicanálise ao pensamento moderno e se inicia com a crítica a uma moral sexual civilizada, na qual estaria em pauta a repressão do sexual. O desdobramento desta repressão confluiria para a geração de efeitos nocivos, em desarmonia com as exigências da civilização. Nesta perspectiva, a psicanálise poderia comportar uma saída frente a esta desarmonia, na medida em que o afrouxamento da repressão traria a ideia de uma cura dos efeitos provocados. Em oposição a isto, o mal-estar trazido por Freud em 1930 contempla uma mudança no estatuto do mal-estar:

No conflito estabelecido com a segunda teoria pulsional – pulsão de vida  
X pulsão de morte – o termo civilização é nuançado, não comportando

mais o caráter de um ideal a ser atingido, nem sendo mais concebido como um ideal de harmonia. Em *'mal-estar na civilização'* (1930), ao contrário, torna-se claro que este ideal, além de ilusório, não se sustenta em nenhum dos modos expressos pela cultura para dar conta de uma compreensão sobre o sujeito: religião, filosofia ou mesmo ciência não atingem o objetivo ou a promessa de uma vida melhor, rebatendo-se, com isso, a própria ideia de progresso como motor da busca da felicidade. (Herzog, 2000, p. 87).

Deste modo, a felicidade como um ideal a ser alcançado de maneira plena e harmônica, ideal da modernidade do qual a psicanálise chegou a compartilhar, desdobra-se na crítica de uma ilusão. A questão do mal-estar proposta por Freud se insere na perspectiva de uma antinomia entre as exigências da pulsão e da civilização, permanentemente. Por isso, localizamos o pensamento freudiano lançado posteriormente ao conceito de pulsão de morte como pertencendo a um realismo trágico, pois se de um lado a crítica à ilusão da garantia da harmonia irrompe com os ideais iluministas, esta crítica é garantida pelo caráter trágico da retirada dos deuses do céu.

### Conclusão

Em suma, podemos afirmar que, nos idos da primeira tópica freudiana, com o livro *A interpretação dos sonhos* (Freud 1900/2006), a coluna teórica da psicanálise estava pautada pela noção de uma ideia intensiva, ou seja, a pulsão na sua forma de representação manifesta: a *Vorstellung*, por assim dizer. Com a segunda tópica, a reformulação teórica com a pulsão de morte levou ao primado da intensidade, pois esta existe antes da ideia. O que quer dizer que quando Freud trabalha na primeira tópica com a *Vorstellung*, esta já é uma intensidade capturada, ligada. Nesta medida, o que implica dizer que o mal-estar ganha um estatuto diferenciado na perspectiva de uma descontinuidade teórica no interior da psicanálise?

Com o surgimento da dimensão do excesso pulsional, atrelado à pulsão de morte, sobre a qual é possível a Freud afirmar que a pulsão por excelência delinea-se um quadro em que a condição de existência do aparelho psíquico é de que a energia livre seja capturada pela representação. O que significa que somente há vida possível quando se consegue contornar as exigências de morte desta intensidade não ligada.

Este deslocamento teórico impôs novas reflexões sobre o estatuto do mal-estar com o qual Freud sempre esteve às voltas. Se a problemática da existência da violência, da agressividade e da destrutividade girava em torno de um desvio com relação ao sexual, posteriormente a questão se impôs de uma forma tal que a crueldade se mostra primordial. A pulsão de morte é primária, portanto, e a pulsão de vida contrabalança este movimento. Não há uma homeostase desde sempre, regida pelo princípio de prazer. Em vez disto, o aparelho psíquico precisa permanentemente gerenciar aquelas exigências, sendo a pulsão de vida a possibilidade de se evitar a morte.

A economia da culpa é um importante vetor na constituição de uma modalidade relacional entre os sujeitos, construído na modernidade. Este vetor se inscreveu como expressão desse mal-estar, na possibilidade de contornar as diferentes exigências da

pulsão e da civilização, todavia de maneira precária. Nesta medida, a constante desarmonia existente entre as exigências do sujeito e da civilização não é passível de ser erradicada pelo conhecimento racional de seus mecanismos, como era em 1908, quando havia uma saída possível.

Assim, a crucial questão que o conceito de pulsão de morte descortinou foi a da tese do desamparo. Nesta circunscrição, o sujeito está sempre à procura de constituir-se contra o desamparo, cuja experiência se revela no drama do mal-estar. É nesta medida mesmo que ficam suspensas todas as garantias da felicidade universal, radicalizando a crítica à modernidade e seus valores iluministas.

### Referências

- Birman, J. (2006a). A psicanálise e a crítica da modernidade. In: J. Birman, *Arquivos do mal-estar e da resistência*. (pp. 32-56). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (2006b). A servidão. In: J. Birman, *Arquivos do mal-estar e da resistência*. (pp. 17-32). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Mal-estar na Atualidade: a Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (2006). Projeto Para Uma Psicologia Científica. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original redigido em 1895 e publicado em 1950).
- \_\_\_\_\_. (2006). A Interpretação dos Sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vols. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).
- \_\_\_\_\_. (2006). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 118-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- \_\_\_\_\_. (2006). Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 169-186). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908).
- \_\_\_\_\_. (2006). Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 17-75). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- \_\_\_\_\_. (2006). O Problema Econômico do Masoquismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 175-188). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).
- \_\_\_\_\_. (2006). O Mal-estar na Civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 73-148). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930).
- Herzog, R. (2000). Desconstruindo a razão: de Schopenhauer a Freud. In: R. Herzog (org). *A psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Contra-Capa.

- Herzog, R., & Farah, B. (2005). A psicanálise e o futuro da civilização moderna. *Psychê*, IX (16), 49-64.
- Lo Bianco, A. C. (1998). A Bildung alemã e a cultura em Freud. In N. Sampaio (Org.), *Cultura da Ilusão - IV Fórum Brasileiro de Psicanálise*, pp. 65-80. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Melman, C. (2008). *O Homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Neiman, S. (2003). *O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Nietzsche, F. (2001). *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rouanet, S. (1993). *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Weber, M. (1989). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira. (Original publicado em 1920)

Submetido em julho de 2013

Aceito em agosto de 2013